



ANO LXXII N° 359  
JANEIRO/JUNHO 2020  
SEMESTRAL  
Diretor: P. Dário Pedroso SJ  
GRATUITO

GRAÇAS DO PADRE CRUZ SJ

## PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se--vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

*Pai Nosso, Avé Maria e Glória.*

*Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!*

### Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

**Nota:** Estas preces destinam-se a devoção particular.  
Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.

## Índice :

Abertura .....	pág. 2
Evangelização nos Açores .....	pág. 4
Padre Cruz - No Altar .....	pág. 13
Deram Esmola e Agradecem Graças .....	pág. 22
Campanha de Missas .....	pág. 24

### Estatuto Editorial:

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é propriedade da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" é uma publicação católica, que visa a divulgação da vida e obra do Padre Francisco da Cruz, sacerdote jesuíta.

A revista "Graças do Padre Cruz SJ" compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.



## Padre Cruz, Centrado na Eucaristia

O Papa João Paulo II deixou-nos muitos escritos e testemunhos, ensinamentos e exortações acerca da Eucaristia. No ano dedicado à Eucaristia, entre muitas outras coisas, escreveu: “A Eucaristia tem três polos: celebração, comunhão e sacrário”. Olhando a vida do nosso “santo” Padre Cruz, e os escritos que publicamos neste número da revista, podemos afirmar, sem dúvida nenhuma, que o P. Cruz viveu esses polos de um modo admirável. Centrado na celebração, em união mística com o sacrifício e sacramento de Cristo, fez dela o seu tesouro, o cume do seu dia e da sua vida, a pérola preciosa da sua oração. Os testemunhos dos que participavam na Eucaristia, celebrada pelo P. Cruz, dão sempre esse testemunho eloquente: Era um “santo” no altar a celebrar a Eucaristia.

Vivia a paixão pela comunhão. Preparava o povo para receber Jesus e no fim da Eucaristia dava acção de graças com os cristãos. Fazia isso por todo o lado, mesmo quando celebrava na cadeia. Desejava que todos

vivessem com intensidade, silêncio interior, amor, a sagrada comunhão, pois acreditava que aquela Hóstia é Jesus. Como seriam suas celebrações, como seriam as comunhões dos presos, quando Padre Cruz celebrava na cadeia, ou até, como fez um dia, com licença do responsável, levou os presos à Igreja paroquial para celebrar com eles, rezar, louvar e adorar Jesus Eucaristia? Como eram enternecedores seus momentos longos de acção de graças, recolhido, em união com Jesus.

Mas viveu também a união ao sacrário, nas vistas, nas horas santas, nas comunhões espirituais. O sacrário para o P. Cruz, era um íman que sempre, em todas as igrejas, nas suas viagens, pregações, etc. centrava o seu coração, a sua alma, todo o seu ser. Padre de sacrário, de joelhos, em adoração, em reparação, em louvor, em diálogo com o seu Amigo, Jesus Eucaristia. Em Fátima, em diálogo com os pastorinhos, ensinou-lhes esse segredo, que o Santo Francisco Marto, viveu intensamente, como consolador de Jesus “escondido”. Por isso quisemos que na capa deste número da revista fosse colocado um sacrário, bem lindo e artístico, onde se pode ver o símbolo do Coração de Jesus. E não podemos deixar de recordar as palavras do Papa Paulo VI: “A Eucaristia é o maior dom do Coração de Jesus”. E o P. Cruz tinha particular amor ao Coração de Cristo.

Nesta revista vai encontrar também o relato, escrito pelo P. Cruz, da sua viagem à Madeira e aos Açores. Ler e meditar essa actividade de este grande apóstolo, nos pode ajudar muito, a sermos cristãos, convictos e convincentes. A publicação neste número da revista, da carta que escreveu ao sobrinho, faz-nos entrar em comunhão com o P. Cruz, seu zelo, sua paixão apostólica, seu coração de evangelizador. Os devotos do Padre Cruz temos que aprender com ele.

P. Dário Pedroso, s. j., Vice-postulador

**Agradecemos que sejam apóstolos desta revista.  
Arranjem assinantes ou ofereçam assinaturas. Obrigado!**





## EVANGELIZAÇÃO NO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

**T**al como prometido na última revista “Graças do Padre Cruz SJ”, retomamos o relato da evangelização efetuada pelo Padre Cruz, desta vez no Arquipélago dos Açores.

No dia 8 de agosto de 1942 o Padre Cruz saiu de Lisboa em direção à Ilha da Madeira e dali para os Açores, como se pode ler em carta escrita ao sobrinho e que transcrevemos abaixo.

“Querido Sobrinho, Angra, 16-8-1942,

No sábado, 8 do corrente, ao meio dia sai de Lisboa e cheguei à Madeira, na segunda-feira, dia 10, cerca das 9 horas. A viagem foi magnífica, graças a Deus Nosso Senhor; nem sequer tive ameaças de enjojo e celebrei a Santa Missa a bordo no domingo e segunda com o meu bom companheiro e irmão, Padre Sebastião Pinto.

Vinham no vapor cerca de duzentos soldados com os seus sargentos e oficiais, e tive a consolação de lhes impor os santos escapulários de Nossa Senhora do Carmo, da Conceição e Sagrado Coração de Jesus, substituindo-lhes por medalhas os escapulários que costuma dar a generosa caridade da Senhora D. Elvira de Carvalho, que me tem dado milhares. A bordo fizeram uma «quête» e entregaram-me cerca de um conto de reis para os pobres. Quando cheguei a terra participaram-me que estava muito doente um Coronel e que só queria confessar-se comigo; e fui logo a casa dele, e depois fui ao Seminário, aonde estava o Exmo. Sr. Bispo com alguns sacerdotes e lá almocei, indo em seguida para o vapor Lima que saiu cerca das 15 horas para os Açores.

Chegámos à ilha de **Santa Maria** cerca do meio-dia do dia 12, tendo igualmente uma bela viagem, celebrando a bordo a Santa Missa com o meu bom companheiro Padre Sebastião, e também com o venerando Padre Tobias Ferraz (grande apóstolo da canonização do Bem-aventurado João de Brito) o qual se juntou a nós na Ilha da Madeira. O reverendo Pároco da Ilha de Santa Maria foi-me buscar a bordo e no barquinho saí do vapor Lima para ir a terra, onde me esperavam muitos fiéis que me receberam com muito carinho, deitando-me flores, dirigindo eu tudo para honra da Igreja e glória do seu Fundador, Nosso Senhor Jesus Cristo. Fui à Igreja paroquial, onde fiz uma prática a muitos fiéis e depois fui ao hospital e em seguida queria ir à cadeia, pois é comarca, mas não fui por não haver lá nenhum preso. Às 15 horas saiu o vapor para a **Ilha de S. Miguel**, onde chegámos às 20 horas, sendo esperado por muitas pessoas entre as quais o Sr. Governador Civil que teve a amabilidade de me hospedar em sua casa, que me levou no seu automóvel com muito agrado de grande multidão que dava palmas. Como era o dia 12, véspera do dia 13, consagrado a Nossa Senhora de Fátima, fomos à Igreja Matriz, onde pregámos e rezámos o terço com bênção do Santíssimo, com grande concorrência de fiéis dum e outro sexo, assim como no dia seguinte, 13, em que disse a Santa Missa no altar de Nossa Senhora de Fátima, dando a Sagrada Comunhão a muitos



fiéis, rezando depois o terço e pregando e cantando versos a Nossa Senhora de Fátima, e depois de administrar o Santo Sacramento do Batismo, fui à cadeia e ao hospital.

As 16 horas houve outro terço com prática e com a bênção do Santíssimo, enchendo os fiéis completamente a Igreja que é grande. Que bela semente de fé e piedade deixaram nestas ilhas os nossos queridos antepassados! Como muitos habitantes recebem com tanto carinho os Ministros de Nosso Senhor em todas as ilhas! Neste mesmo dia 13, às 21 horas, fomos no mesmo vapor para a **Terceira**, aonde chegámos no dia 14 cerca das 7 horas da manhã, sendo esperado por muitos fiéis, não obstante chegarmos tão cedo, Dirigimo-nos logo para o Seminário os três para celebrarmos a Santa Missa.

O Sr. Dr. Delegado substituto muito amável acompanhou-me nessa tarde à cadeia onde há 16 presos. Fiz uma prática e no dia seguinte os mesmos presos confessaram-se de manhã e comungaram na Santa Missa celebrada às 8 horas com prática à comunhão. Depois da cadeia, fui à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde celebrou a Santa Missa às 10 horas com uma bela prática, o Rev.do Padre Tobias Ferraz que foi baptizado naquela mesma Igreja e eu tive a ocasião de dar os parabéns a todos os fiéis que lá estavam por terem um patricio que tanto honra a sua Pátria e tanta veneração merece pelo seu talento e virtudes e zelo ardente pela glória das almas e dum modo especial pelos grandes esforços que tem feito para apressar a canonização do Bem-aventurado João de Brito.

Neste mesmo dia 15, no fim da tarde na capela do Seminário houve o terço com bênção do Santíssimo e prática o que se fará nos dias seguintes enquanto cá estivermos.

O Exmo. Sr. Bispo deseja com muito empenho que eu me conserve nas Ilhas com os meus companheiros e só volto com eles.

Muitos cumprimentos e daqui em nome do nosso Bom Deus abençoo a todos e dum modo especial as mui queridas doentinhas para que tenham saúde perfeita no corpo e na alma.

Tio mtº. Amigo,  
P.e Cruz. S.J.”

fiéis, rezando depois o terço e pregando e cantando versos a Nossa Senhora de Fátima, e depois de administrar o Santo Sacramento do Batismo, fui à cadeia e ao hospital.



O Padre Cruz com o Bispo de Angra, 1942

As 16 horas houve outro terço com prática e com a bênção do Santíssimo, enchendo os fiéis completamente a Igreja que é grande. Que bela semente de fé e piedade deixaram nestas ilhas os nossos queridos antepassados! Como muitos habitantes recebem com tanto carinho os Ministros de Nosso Senhor em todas as ilhas! Neste mesmo dia 13, às 21 horas, fomos no mesmo vapor para a **Terceira**, aonde chegámos no dia 14 cerca das 7 horas da manhã, sendo esperado por muitos fiéis, não obstante chegarmos tão cedo, Dirigimo-nos logo para o Seminário os três para celebrarmos a Santa Missa.

O Sr. Dr. Delegado substituto muito amável acompanhou-me nessa tarde à cadeia onde há 16 presos. Fiz uma prática e no dia seguinte os mesmos presos confessaram-se de manhã e comungaram na Santa Missa celebrada às 8 horas com prática à comunhão. Depois da cadeia, fui à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde celebrou a Santa Missa às 10 horas com uma bela prática, o Rev.do Padre Tobias Ferraz que foi baptizado naquela mesma Igreja e eu tive a ocasião de dar os parabéns a todos os fiéis que lá estavam por terem um patricio que tanto honra a sua Pátria e tanta veneração merece pelo seu talento e virtudes e zelo ardente pela glória das almas e dum modo especial pelos grandes esforços que tem feito para apressar a canonização do Bem-aventurado João de Brito.

Neste mesmo dia 15, no fim da tarde na capela do Seminário houve o terço com bênção do Santíssimo e prática o que se fará nos



25 - Missa e prática - Visita presos políticos - Orfanato e Bênção - Terço e Bênção.

26 - Missa e prática - S. Sebastião - Terço e Bênção.

27 - Vila da Praia - Visita ao Hospital. Na cadeia nenhum preso - Terço e Bênção.

28 - Missa e prática - Entronização - Terço e Bênção no Seminário.

29 - Missa e Terço - Bênção e Prática - às 12,5 horas prática aos Sacerdotes que iam começar os exercícios - às 4 horas saída do vapor para **Graciosa** onde chegámos às 20 horas - não desembarquei por ser noite.

30 - Às 2 horas da madrugada cheguei a **S. Jorge** - donde saí do vapor às 6,5 horas para ir celebrar a S. Missa com Rev. Dr. Moreira na igreja paroquial - e fiz pequena prática por ter de ir para o vapor que ia partir para o **Faial** onde chegou às 11,5 horas - de tarde preguei sobre N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Lourdes em cuja honra havia festa - As 19,5 horas saiu o vapor para o **Corvo** - onde chegou no dia 31 - às 6,5 horas - fui celebrar a santa Missa com o Rev. Dr. Moreira e fiz pequena prática para seguir para o vapor que saiu para a **Ilha das Flores** às 8,5 horas. Chegámos às 10 horas a Santa Cruz das Flores (comarca, mas não havia presos na cadeia) - na igreja paroquial às 11 horas - pregação, terço e Bênção do Santíssimo com muita concorrência. Às 15 horas segui para a freguesia das Lages - onde chegámos as 17 horas - havia muitos fiéis à espera mas o comandante disse que não saíssemos porque o mar estava muito agitado: quisemos mas não fizemos por não poder - *Voluisti? fecisti* (S<sup>to</sup>. Agostinho) - às 20,5 horas partimos para o Faial (Cidade da Horta).

1 de Setembro - Chegada à cidade da Horta às 7 horas, fui dizer a Santa missa com o Rev. Dr. Moreira à igreja matriz e depois prática e de lá ao hospital, e cadeia com 3 presos. Saímos às 11 horas para o **Pico**, onde chegámos às 13,5 horas e saímos às 16 horas para S. Jorge.

Disseram-nos que não era prudente desembarcar por estar o mar bastante agitado e por estar o cais muito escorregadio por causa do óleo de 2 baleias que foram pescadas.



Ofereci a Deus Nosso Senhor o bom desejo - *Voluisti? fecisti* (S<sup>to</sup>. Agostinho) e abençoei do navio - foram algumas pessoas ao navio Chegámos a **S. Jorge** às 17,5 horas - fomos à igreja matriz - Vila das Velas - com grande concorrência - prática - terço e bênção e beija mão a todos; voltámos no vapor às 20 horas que saiu às 2 horas do dia 2 - chegando às 6 horas à **Graciosa** (Vila da Praia): grande concorrência à espera e na igreja - onde disse missa o Rev. Dr. Moreira e depois Bênção e prática voltando ao vapor que partiu às 9,5 horas para Angra.

2 de Setembro - Chegámos a Angra às 14 horas - de tarde - Bênção e terço e prática.

3 - Missa e prática e às 19,5 horas, hora Santa.

4 - Missa, coroinha e prática e às 19,5 horas terço e Bênção.

5 - Missa e prática - Via-Sacra aos do retiro e conselhos - às 18 horas confissões aos presos e 19,5 horas terço, Bênção e prática.



6 - Missa aos presos, comunhão e prática - às 12 horas festa na freguesia de S. Bartolomeu com prática no fim - Terço e Bênção com prática - e aos do Retiro - Via-Sacra - conselhos terço e Bênção.

7 - Missa do Sr. Bispo aos do Retiro - imposição dos Escapulários e conselhos para a sua ressurreição espiritual ser como a de N. Senhor Jesus Cristo - real, permanente e visível - Prática de preparação para os exercícios dos sacerdotes e depois Via-Sacra - e terço e Bênção do Santíssimo.

8 - Missa aos presos - Festa a Nossa Senhora do Livramento e imposição do escapulário. Pregou o R. P. Tobias um magnífico sermão. Terço e Bênção com prática.

9 - Missa e prática - terço e prática aos Revs. Padres dos exercícios e outro na capela do Seminário, Via-Sacra aos Revs. Padres.

10 - Visita à freguesia de S. Roque dos Altares com enorme concorrência - terço, prática e bênção e Via-Sacra aos Revs. Padres.

11 - Visita à freguesia das 5 Ribeiras - prática, terço e Bênção (peditório num saquinho para os pobres) e Via-Sacra e prática aos Revs. Padres.



12 - Visita à freguesia de V<sup>a</sup> Nova do Espírito Santo – terço, Bênção do Santíssimo e prática e às 20 h. devoção a N. S. de Fátima na Sé - pregando muito bem o R. P. Tobias.

13 - Visita à freguesia de S. Pedro, a S. Braz e Lages – prática, terço e Bênção.

14 - Missa, prática - às 12,5 horas exortação aos Revs. Padres dos exercícios como introdução ao retir, às 16,5 horas visita às freguesias: (escrito por outrem - N. S. Guadalupe, S. Beatriz), Agualva, Quatro Ribeiras, S. Pedro, Biscoitos e Raminho. (S. Francisco Xavier).

15 - Missa e prática - às 16,5 horas visita às freguesias: S. Jorge e Doze Ribeiras e Santa Bárbara com Bênção e prática. Foi também abençoada a água de Santo Inácio em grande quantidade assim como nas outras freguesias (continua o autografo) e Via-Sacra aos Revs. Padres.

16 - Missa e prática - Visita às freguesias de S<sup>to</sup>. António e S<sup>ta</sup>. Catarina e na Capela do Seminário - Terço e Bênção - Via Sacra aos Revs. Padres.

17 - Visita à freguesia de S. Mateus. Hora Santa na capela e Via Sacra aos Revs. Padres.

### São Miguel

19 - Missa - Bênção e prática às 15 h., confissões dos presos às 19 h., terço, Bênção e prática.

20 - Missa na cadeia - Comunhão aos presos e mais pessoas, prática à missa das 13 h. também prática às 17,30, entronização - 19 h. prática na Igreja de S. José - terço e Bênção.

21 - Missa em S. José - prática - às 19 h. Via-Sacra, Bênção e terço. Benzer muita água de Sto. Inácio e S. Francisco.

22 - Missa no asilo da Infância com prática, Bênção do Santíssimo e terço.

23 - Missa e prática na Capela de Sta. Catarina, terço, entronização e Bênção.

24 - Missa e prática na Capela de N. Senhora de Lourdes - terço - ida para a freguesia de Ribeira Seca, prática, Via Sacra e Bênção

e depois Ribeira Grande, prática, terço e Bênção às 18 h e visita ao hospital.

25 - De manhã - visita na outra Igreja paroquial de Ribeira Grande e depois visita à cadeia (quando cheguei ao anoitecer, na véspera, visita ao hospital) e a três casas de caridade e de tarde para Ribeirinha, Santa Barbara e Freguesia de Capelas.

26 - Freguesia de S. José - Ponta Delgada.

27 - Freguesia de S<sup>ta</sup>. Clara – Via-Sacra em S. José, terço e Bênção - Sant'Ana.

28 - Freguesia de S. Pedro - Depois do batismo em S. José, partida para Nordeste parando em S. Braz, etc. e chegou a Nordeste às 20 horas, prática, terço e Bênção.

29 – Nordeste - Missa, prática, Bênção e terço - visita ao hospital - na cadeia nenhum preso.

29 - À tarde para Nossa Senhora da Luz - prática e Bênção e cheguei à povoação - (Nossa Senhora Mãe de Deus) às 19 h., terço, prática e Bênção.

30 - Missa na igreja paroquial da povoação - prática - Levar Nosso Senhor à Cadeia (2 presos) - Visita ao hospital, um baptismo e depois às 15 h. para Nossa Senhora dos Remédios – prática, terço e Bênção. Um casamento e às 18 h. para as Furnas - prática, terço e Bênção.



1 [de Outubro] - Vila Franca do Campo - pregação à noite - terço e Bênção e confissão a 9 presos.

2 - Missa com Comunhão muito numerosa, terço durante a missa e prática à Comunhão e depois da coroinha do S. Coração de Jesus e Bênção em procissão muito numerosa com Comunhão dos presos. Visita ao Hospital e asilo e às 16h. ida para Santa Cruz da Lagoa - onde Via-Sacra, prática, terço e Bênção, e cerca das 22,30 horas do dia 2 fui para a freguesia de Nossa Senhora do Rosário.

3 - Às 5,30 horas fui para a igreja, missa, prática, terço e Bênção, seguindo às 9h. para Ponta Delgada, onde tive um baptismo na



Freguesia de S. José - depois de rezar o terço, Bênção e prática na capela dos Irmãos de S. José e depois 2 entronizações e breve prática e bênção aos membros da Acção Católica.

4 - Arrifes – 9 horas, Missa, prática, terço e Bênção e às 2 h. embarque [para Lisboa].

5 - Missa a bordo com Rev. P, Sebastião - terço durante a Missa e 2 confissões de passageiros.

6 - Cheguei à Madeira às 7 horas. Com o Rev. P. Sebastião fomos ao Seminário celebrar a Santa Missa ajudando o R. Sr. Cónego Reitor, às 11 h. fui à cadeia onde estavam 148 presos, com os quais rezei o terço com uma prática, dando uma imagem de Nossa Senhora de Fátima para cada prisão (12?) e uma esmola a cada um. Às 5 h. embarcámos para Lisboa: graças ao nosso Bom Deus, boa viagem.

7 - Missa a bordo - terço - 2 comunhões.

8 - Missa a bordo com 5 comunhões.- terço durante a missa do R. P. Pinto - chegada a Lisboa às 14 horas.”

Assim termina este Diário, pequeno, perante o que foi a passagem do Padre Cruz pelo Arquipélago dos Açores.

Para finalizar, um excerto de artigo do “Diário dos Açores” de 3 de outubro de 1942:

“Para ele [P. Cruz] a idade e as canseiras não contam. É vê-lo, na sua peregrinação pelas nossas ilhas, percorrer, com dedicação e carinho, todos os nossos concelhos, visitar dezenas de igrejas repletas de povo, confortar os doentes e os infelizes. O Padre Cruz regressa amanhã ao continente. A sua passagem nesta ilha jamais será olvidada pela gente boa e crente da nossa terra, pois não se poderão apagar dos corações micaelenses as horas de tão grande elevação espiritual que viveram e as sensibilizantes demonstrações de afecto que receberam do bondoso sacerdote”.



Padre Cruz celebra Missa na Capela das Senhoras Caldas, Lisboa

## No Altar

«Padre, lembra-te de que primeiro hás-de ser Padre na igreja e no altar»<sup>1</sup>.

Teria o Servo de Deus edificado e merecido o nome de Santo Padre Cruz na igreja e no altar, como edificou e foi «canonizado» nas cadeias e hospitais? Poderá ele, o homem da caridade, ser dado também como modelo, a outros Padres, no ministério sacerdotal?

Contemplemo-lo, antes de mais nada, ao altar: na celebração do Santo Sacrifício.

O modo como o Padre Cruz celebrava, impressionava a todos pela sua piedade e fervor.

Tudo nessa celebração edificava: a perfeição dos actos exteriores e o recolhimento interior. A sua missa era um verdadeiro acto divino. Sentia-se que tinha entrado no Santo dos Santos.

A longa repetição de gestos sempre iguais e de palavras invariáveis nunca o fizeram cair na rotina.

<sup>1</sup> Raul Plus, *A minha oração*



Interessante recolher alguns testemunhos. «Preparava-se para celebrar a Santa Missa com fervorosas orações em voz alta, quando se encontrava no meio dos fiéis, ajudando-os também (quando não era ele o celebrante) a preparar-se para a comunhão. Celebrava santamente e com o maior recolhimento. Imediatamente depois da Missa, sem atender a mais nada, ia para o meio do povo e fazia com ele a acção de graças»<sup>1</sup>.

Só Deus sabe o que dentro da sua alma se passava nesses momentos de união com o Senhor. Mas, pela piedade que exteriorizava, se poderá avaliar o que no interior se escondia.

O tempo da acção de graças da comunhão era por ele ciosamente guardado. Sempre tão pronto a atender, sem nunca se mostrar enfadado, nessa altura fechava-se na sua alma com Deus e não queria que o perturbassem.

Uma vez, estava a dar graças na sacristia numa capela, e uma religiosa perguntou se queria que lhe trouxesse ali um pouco de leite. Perguntou, tornou a perguntar, e ele, nada! Insistiu, e recebeu a seguinte resposta:

— Minha Irmã, quando estou a dar graças, não falo a ninguém<sup>2</sup>.

Outra vez, quando se desparamentava, uma senhora andava dum lado para o outro, impaciente. Percebendo que ela lhe queria falar, disse-lhe:

— Paz, paz, paz. Quando estou a dar graças, não falo a ninguém.<sup>3</sup>

As suas acções de graças eram sempre muito demoradas. A caminho da sacristia ia rezando o *Benedicite* e o *Laudate*. Assim que se desparamentava, voltava para a igreja, e era impressionante a sua atitude de humildade enquanto rezava as orações do missal. Finda a acção de graças litúrgica, continuava em silêncio a sua acção de graças particular, ou rezava, em diálogo com os fiéis, orações compostas por ele ou improvisadas no próprio momento.

Quando sai da igreja ou capela, no seu olhar brilhava uma claridade



1 P. Joaquim Lopes Seixal, Prior de Campolide. A comunhão era o centro do seu dia: «Que a comunhão de hoje seja uma preparação para a comunhão de amanhã. Nada quero, em toda a minha vida, que me torne menos digno da Sagrada Comunhão» - rezava o Padre Cruz

2 Contado por uma religiosa do Conventinho.

3 Contado pela mesma

celeste e a sua bondade tinha qualquer coisa ainda de mais ardente, como se a presença de Cristo nele continuasse. E assim era. Na Sagrada Comunhão Cristo incorpora-nos a Si, numa unidade misteriosa mas real; não é apenas uma visita: é uma união, que nos identifica com Ele.

Numa prática que fez na capela do Visconde de Santarém, dirigindo-se aos filhos deste titular, ainda pequenos, o Padre Cruz explicou-lhes, dum modo sugestivo, a união da alma com Nosso Senhor na Sagrada Eucaristia: «A Sagrada Comunhão na nossa alma é como a fusão de duas velas» — e exemplificou, pegando em duas velas acesas e juntando-as numa chama só.

Assim nos deu a imagem da sua própria comunhão: a chama do seu amor a fundir-se na chama do amor de Deus — e as chamas transformadas numa única chama de vida sobrenatural.

Mas ouçamos mais alguns dos seus colegas dizer-nos como era o Padre Cruz no altar.

«Celebrava sempre com impressionante recolhimento e fervor, vendo-se bem que sentia e vivia a grandeza do Augusto Sacrifício».<sup>4</sup>

«A celebração da Santa Missa valia pela melhor pregação, tal a concentração de espírito e fervor que nela punha»<sup>5</sup>.

«Celebrava a Santa Missa digna, atenta e devotamente, com grande preparação e acção de graças. Era impressionante a sua figura ao celebrar os Santos Mistérios. Tão grande era a sua fé e a sua convicção na presença real. Ao pronunciar as palavras da Consagração fazia-o com uma nitidez tal, que o acólito sempre as ouvia. A sua fisionomia impressionava quando celebrava a Santa Missa»<sup>6</sup>

Todos são unânimes; depois dos sacerdotes, escutemos alguns fiéis.

«Ouvir-lhe uma missa, era quase ouvi-lo falar com Deus»<sup>7</sup>.

«A Santa Missa dita por ele era sempre o mais fervorosa possível, chegando algumas vezes a comover-se, tal a concentração em que estava»<sup>8</sup>.

«A união com que celebrava era tanta, que a todos edificava com a

4 Mons. Cónego Alfeu dos Santos Pires.

5 Mons. A. Paulo Marques.

6 P. Crispim António dos Santos.

7 Dr. Leite de Faria.

8 D. Maria Francisca Alvim.



máxima atenção e piedade. Durante a preparação e acção de graças não consentia que ninguém lhe falasse. Durante a celebração da Santa Missa exteriorizava a sua fé e adoração, levando muito tempo durante a Consagração. Havia mesmo certos dias em que chorava nessa ocasião»<sup>1</sup>.

«A sua missa durava sempre mais de meia hora e era devotíssima; principalmente a maneira como pronunciava as palavras da Consagração, impressionava»<sup>2</sup>.

«À elevação tinha uma tal expressão de êxtase que eu, que lhe ajudava à missa e por conseguinte estava perto dele, chegava a esquecer-me de tocar a campainha, tão absorta a olhá-lo. Outras vezes chorava, chegando a soluçar»<sup>3</sup>.



Padre Cruz celebra Missa, Braga, 1933

«Já ai por 1912 — diz uma Religiosa do antigo Convento do Desagravo — nós o vimos na capela da Rua Renato Baptista, chorar como uma criança, durante a celebração da Missa».

«A sua celebração da Santa Missa, que frequentes vezes ouvi, era sumamente edificante pelo fervor e recolhimento com que a celebrava»<sup>4</sup>.

E desde sempre assim foi.

«Apesar de ser muito doente nessa época (1889), a ponto de não poder celebrar a Santa Missa senão muito cedo, enquanto não houvesse movimento de pessoas devotas na capela, pois às vezes receava não poder acabá-la, chegando a apoiar-se ao altar para não cair, a sua celebração do Santo Sacrificio era de comovente piedade e recolhimento»<sup>5</sup>.

O seu cuidado em bem celebrar levava-o a desejar cumprir escrupulosamente as prescrições litúrgicas, não se escusando a consultar humildemente colegas mais novos do que ele.

1 Senhoras Caldas Machado.

2 D. Maria José de Azevedo Sousa Monteiro.

3 D. Leonor Pombal.

4 Marquês de São Payo.

5 D. Maria da Conceição Fontes.



«Era sumamente cuidadoso e exacto nas cerimónias da Santa igreja, e recordo-me bem que sendo eu Padre novo e estando na freguesia de Paço, me consultou sobre se deveria ou não juntar as mãos numa certa altura do Cântone, e de que aceitou sem hesitar a minha opinião, mostrando em tudo isto uma humildade que me chocou e nunca mais esqueci»<sup>6</sup>.

Recomendava as pessoas piedosas e aquelas que tinham pessoas de família que não cumpriam o preceito, que ao domingo ouvissem duas missas: a primeira de obrigação e a segunda de reparação por aqueles que a não ouvem.

Ele próprio, ao domingo, só se de todo não podia é que não assistia a outra missa, depois de ter celebrado a sua.<sup>7</sup>

Conta o Pároco de S. Pedro de Manteigas que, em Setembro de 1947, o Padre Cruz foi àquela localidade, na festa de Nossa Senhora da Graça:

«Foi ele que celebrou a Missa da Comunhão Geral, falando aos fiéis antes da distribuição de Jesus Sacramentado. Não pôde concluir esta cerimónia por as forcas lhe faltarem. Atendendo ao seu estado, pedi-lhe que se retirasse; mas não o fez, sem que terminasse a missa de acção de graças. No fim desta, pedi-lhe para que não viesse assistir à Missa cantada. Mas qual não foi o meu espanto, quando ele entrou na igreja de S. Pedro no momento em que se cantava o *Glória in excelsis Deo*. Aproximei-me dele para o repreender; mas ele, sorridente e apertando-me a mão, disse-me:

— Olhe, senhor Padre, eu quis assistir à Missa cantada por intenção daqueles que cá não vêm; e digo-lhe também que pelo mesmo motivo, no último dia de Reis, em Lisboa, assisti a duas missas rezadas e a duas missas cantadas.

Eu admirei comovido esta atitude e as palavras desta grande alma, e não me contive sem que as repetisse ao povo, que deveras ficou edificadocom tudo o que se passou entre nós»<sup>8</sup>.

Faziam-lhe muita impressão as pessoas que entravam na igreja já com a missa começada e até muito adiantada.

6 Mons. António Paulo Marques.

7 Senhoras Caldas

8 P. José Baylão Pinheiro.



— Ao domingo, missa inteira!

E acrescentava:

— Quando vão para o comboio, não vão sempre a horas? O comboio não espera e todos têm cuidado em não o perder. Só para a missa não pensam assim<sup>1</sup>.

Dizia também:

— Zaqueu saiu a correr para ver Nosso Senhor. Só nós, para irmos à missa, nunca temos pressa<sup>2</sup>!

Para ele, nada tinha mais valor do que a Santa Missa. Sendo o seu valor infinito, que coisa poderá excedê-la?

«No mundo nada há maior do que a Santa Missa» (Pio XI), escreveu num missal de alguém que lhe pediu um autógrafa.

— Ai! Se os homens soubessem o valor duma Missa, não lhe assistiriam só aos domingos e de tão má vontade, dizia; vão à missa da uma hora por não haver às quatro da tarde, e mesmo assim ainda não chegam ao princípio<sup>3</sup>!

Quando saí de manhã, fazia-lhe pena ver todos a correr afadigados para os seus negócios e empregos «só pensando na materialidade da vida, em ganharem mais alguma coisinha para o corpo; e para a alma, para o grande negócio da salvação, nada!»<sup>4</sup>.

De todos os sacrifícios, o maior, para ele, era não poder celebrar, o que só em caso de doença grave e por absoluta proibição do médico deixava de fazer. E então, eram «suspiros, gemidos e lágrimas».

Uma noite, com 38 graus de temperatura, pediu às Almas do Purgatório que o ajudassem a celebrar no dia seguinte. E ficou tão contente quando, ao acordar, viu que estava sem febre! Benditas Almas do Purgatório que o tinham ouvido<sup>5</sup>!

Por vezes, era uma luta entre ele e as senhoras em casa de quem residia, em Lisboa. Estas, vendo-o muito abatido, pediram ao médico que o proibisse de celebrar. Ele advogava com tanto calor a sua causa — dizendo que «depois de celebrar se sentia mais forte, porque Nosso

1 D. Maria José de Sousa Monteiro.

2 D. Maria José de Sousa Monteiro.

3 D. Maria José de Sousa Monteiro.

4 D. Maria José de Sousa Monteiro.

5 Dr. Leite de Faria, seu médico.

Senhor nunca se deixa vencer em generosidade, e que, por conseguinte, até lhe fazia bem celebrar, — que o médico deixava-se convencer e levantava a proibição.

Muitos dias houve em que, para poder dizer missa, tinha de tomar primeiro uma injeção<sup>6</sup>.

Agarrava-se às palavras dum médico amigo que uma vez lhe disse:

— Tem razão, não deixe de dizer Missa; se morrer, morre no seu posto.

Até um médico lhe tinha dito isto, e não havia de dizer missa?! Mas se o médico proibía a valer, resignava-se e obedecia.

Na última doença, era tão grande o seu desgosto por não ter forças para celebrar a Santa Missa e reear jamais poder subir ao altar (como de facto sucedeu), que dizia:

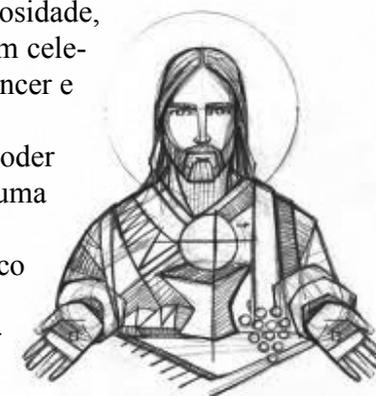
— Se assim for, que Deus me leve! Pois se não posso dizer missa, que ando a fazer cá neste cativo? Mas seja feita a vontade de Deus!

Monsenhor Freitas Barros dá-nos um maravilhoso «quadro vivo» duma Missa do Padre Cruz.

«A “Missa” do Venerando Padre Dr. Cruz!... Oh! Era uma boa hora e meia (para mais, ainda), entre os tempos da «Preparação», da «Celebração» e da «Acção de graças»! Ela era o centro de todo o seu labor espiritual; dela falava quase sempre, quando pregava, anunciando, até, o lugar e a hora em que celebraria no dia seguinte.

Ordinariamente, fazia dupla preparação para a Missa: uma, mais longa, que poderia chamar-se remota, a seguir a sua Meditação espiritual quotidiana, na qual usava o formulário do Missal; outra, mais curta, imediatamente antes da celebração. Quando acabava de se paramentar, durante o que recitava em voz medíocre as Orações próprias, tomava em suas mãos o Cálice, aspergia-se com água benta e seguia o Acólito em direcção ao Altar. Caminhava com passos miúdos, mas vivos, ligeiramente curvado, olhos baixos, cabeça inclinada para o lado do coração, lábios em murmúrios de preces...

6 Senhoras Caldas Machado.



Chegando ao Altar, após as genuflexões ou inclinações do Rito, depunha o Cálice sobre a pedra de Ara e abria o Missal, colocado na estante. Então, voltava-se para os fiéis e anunciava-lhes o assunto da Missa a celebrar, encarecendo a



importância do mistério que ia desenrolar-se, indicando as disposições com que cada um deveria assistir e fazendo ligeiras considerações sobre a festa litúrgica do dia. Depois, descia até ao supedâneo e iniciava a celebração do augusto mistério; e tao curvado ficava ante o Altar, que o seu corpo formava como que um ângulo recto!

Após a leitura do Evangelho, voltava-se com modos humildes para os fiéis e discorria sobre o mesmo, durante uns quinze minutos. A forma do seu filar era sem artificios, como ordinariamente. Todas as suas considerações visavam a condenar o pecado e a exaltar a virtude; aplicava-se, também, em referências ao assunto da Missa do dia, quer fosse do Temporal, quer do Santoral, com apropriadas considerações litúrgicas e exemplos do hagiológico. Era sempre ardente, mas simples; piedoso, mas enérgico; arrojado, mas prático.

Aos «Mementos», quer dos «Vivos», quer dos «Mortos», demorava-se alguns minutos; sensivelmente mais no dos «Vivos». Era, talvez, porque, sempre constante na sua memória o pensamento da conversão dos pecadores, que lhe eram «encomendados», queria enumerá-los a todos, formando com seus nomes uma Ladainha, para que lhes aproveitassem os méritos do Sacrifício. Aquela era a ocasião principal em que poderia rogar por eles, pois suplicava com Jesus, que ali representava, oferecido em remissão dos pecados.

A Comunhão usava novamente da palavra. Falava sobre a recepção da Sagrada Comunhão. Deixava-se arrebatado, atribuindo os males da sociedade hodierna ao seu afastamento de Jesus-Hóstia; queria que os fiéis, não só os presentes, mas os de todo o mundo, recebessem, diariamente, a Divina Eucaristia. Assim como a cada instante, em todos os lugares do universo, Jesus descia do céu sobre os altares, transubstanciado nas Espécies Eucarísticas, para alimento e salvação das almas, assim ele anelava que todos os católicos acorressem todas as manhãs à Divina Mesa, para comerem o Pão Divino, — luz, vida, graça e salvação de todos.

Em toda a Celebração da Missa, o piedoso sacerdote mostrava bem os finos quilates da sua espiritualidade. Estou bem em dizer que era difícil, a quem o observava, não se deixar mais empolgar pelo fulgor, que irradiava de sua figura, que unir-se ao mistério da Missa. Quando, nalgumas vezes, assisti à “sua Missa” e dava pelo afastamento em que o meu espirito andava do mistério, semente me redimia um pensamento: é que aquele Sacerdote, ali, como em nenhuma outra ocasião, era como um retrato vivo de Jesus, — tanta piedade dele refulgia, ou nas expressivas inflexões dos olhos, ou nas delicadas inclinações da cabeça, ou na forma rigorosa com que fazia os sinais da cruz e se persignava, ou no modo suplicatório com que oferecia o cálice e as oblatas, ou, em geral, na unção com que executava os ritos litúrgicos.

É certo que, por vezes, manifestava como que uns espasmos no cerimonial: parava um pouco, respirava mais fundo, haurindo do imo do coração um fluído misterioso, fixava os olhos ou nas Divinas Espécies ou no Crucifixo e exalava, veladamente, um suspiro... Depois, com o rosto iluminado, revelando um aspecto em que não sei se havia sorrisos, se lágrimas, prosseguia suavemente, santamente.

Não me digam que estes espasmos constituíam, de algum modo irreverência contra a Liturgia. Há sacerdotes, aliás piedosíssimos (e até, talvez, santos, não o sei) que na celebração de actos do culto, principalmente na Missa, sentem enleios de alma, durante os quais não podem ater-se à rigidez das fórmulas litúrgicas. Uma força misteriosa, impulsiva, os arrebatava e elevava de tal modo que não serão capazes, naquele momento, de se imporem qualquer regra ou domínio. Será isto, porventura, êxtase, raio da graça divina, que os toca? Os hagiólogos narram que S. Filipe de Neri, durante a celebração da Missa, elevava-se do chão e assim se conservava largo tempo, alheio aos ritos. São mistérios que nos cumpre respeitar e admirar, e, jamais, censurar, porquanto, na verdade, os que vivem santamente, heroicamente são incapazes de transgredir, deliberadamente, as leis de Deus ou as disposições da Igreja.»

*O “Santo” Padre Cruz, Maria Joana Mendes Leal,  
8ª edição, Lisboa, 2003, pp. 361-367*



## Agradeço ao Padre Cruz por...

Várias graças recebidas por intercessão do Padre Cruz, que venho testemunhar. Depois de 1945, o meu pai começou a ter problemas de vista. Após visita do Padre Cruz a nossa casa, o meu pai melhorou e curou-se. Eu tive um acidente de automóvel grave, a minha mulher pediu muito ao Padre Cruz que eu sobrevivesse, o que aconteceu.

A minha mulher teve uma bactéria que a afetou muito, pedi ao “Santo” Padre Cruz que a salvasse e salvou-se. A minha filha teve um problema no útero, tendo que ser operada de urgência. Eu e a minha mulher pedimos ao Padre Cruz e salvou-a. Temos pedido ao Padre Cruz que nos ajude e ouve-nos sempre.

*José Freire Carrilho (Lisboa);*

Estava passando por uma situação financeira difícil e pedi ao Padre Cruz que me concedesse a graça de ser aprovado o empréstimo que tinha pedido e que era difícil de ser aprovado. Pouco depois, foi tudo aprovado.

Desde aí nunca me abandonou e ajudou-me em outras situações; venda da casa, licenciatura da minha filha.

*José Afonso (Lisboa);*

Ter-me ajudado num problema grave de saúde que tive, já estou melhor. Tenho uma grande fé no meu querido *Santinho*.

*Marília dos Santos Nunes (Porto);*

A minha nora não engravidava, fez 2 tratamentos, mas sempre abortou. Pedi ao bondoso Padre Cruz que a protegesse, o que aconteceu e teve uma menina de parto normal.

*B.M.D.*



*Deram  
Esmola  
e Agradecem  
Graças*

Maria Antonieta Avelar (Ontário, Canadá); Maria Luisa Almeida (Coimbra); Paula Almeida (Lisboa); Aurora dos Anjos Fernandes (Porto); Maria Hermínia Queiroz (Fânzeres); Margarida da Costa Ribeiro (Praia da Vitória, Açores); Maria Leonor Jesus Fidalgo das Mercês (Caldas da Rainha); Maria da Luz Pinto Bastos Nunes (Porto); Marcelina Alves Henriques Eiras (Ponteinha); Maria Antónia Carola Correia (Lisboa); Manuel Correia Pereira (São Julião); Rosa Vieira da Silva (São João da Madeira); Maria de Lurdes Raposo Figueiredo (São Pedro do Sul); Maria Margarida Arruda (Manitowadge, Canadá); Guida de Jesus (Florissant, EUA); Maria Fátima Sousa (Vila Nova de Gaia); António Coelho Saldanha (Lisboa); Conceição Santos Milhazes (Matosinhos); Maria Dores Marques Graça Machado e Carla Maria Vieira (Senhora da Hora); Maria dos Anjos Capelo (Seixo); Rosa Bento (Esmoriz); Maria Vintém (Amadora); Maria Carvalho (Vila Nova de Gaia); Laurinda Rosa Nunes São Roque, Fernanda Maria Nunes Cacheira, Maria de Jesus Cacheira e Maria Eduarda Martins (Matosinhos); António Coelho Saldanha (Lisboa); Guilhermina Rolim Garcia (Roliça); Zeferino da Silva Ferreira (Pereira); Maria Conceição Rocha (Ribeirinha, Açores); Erminda Carreiras Lima (Geraz do Lima); Manuela Mendonça (Sabugosa); Fernanda Augusta Gil Ferreira (Pombal); Isabel Carreira (Peniche); Anabela Oliveira (Rio de Mouro); Maria Altina



Carvalho Estraçalhote (Sertã); Glicina Francisco, Isabel Lemos, Fernanda Silva, Rev. Padre Saúl, Armanda de Jesus e Aurora Ferreira (Coimbra); Maria Rosa Guilherme (Amadora); Laurinda Carreira Borges Antunes (Leiria); Maria Alina Ramos Santos Garcia (Porto); Maria da Glória Silva Rocha (Peniche); Mariana Monteiro Santos Ferreira (Estarreja); Raúl Monteiro (Paredes); Maria Loureira Alves (Matosinhos); Maria Cidalina Flores Coelho dos Santos (Águeda); Bernardina Macedo (Póvoa de Varzim); Leoncília Sequeira Ferreira (Santarém); Maria de Fátima Moita (Cinfães); Maria de Fátima Ribeiro Montes (Lisboa); Maria Alice Teles Remédios (Lisboa); Glória Mendes Santos Pita (Almada); Maria Toste (Riverdale, EUA); José Freire Carrilho (Lisboa); Mário Manuel Amorim (Cascais); Maria Helena Gonçalves (Porto); Maria do Céu Ventura (S. Domingos de Rana); Anna Young (Cranston, EUA); Maria Celina Costa Gomes (Alcochete); Edviges Guerreiro (Baixa da Banheira); Maria Manuela Reis Costa (Lisboa); Engrácia de Jesus Ribeiro (Braga).



*Mandaram celebrar Missas pela Beatificação do Padre Cruz*

Ana Vaz Ferraz e Augusto Agostinho Gomes Carneiro (Vila de Prado); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Maria Beatriz Alves Gomes Guerra (Benavente); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Vitória Ribeiro (Almeirim); Maria Phoebe Castro Henriques (Porto); Manuel Pereira (Mangualde); Francisco Américo Pereira da Nóvoa (Porto); Maria José Gomes Abrunhosa (Porto); Ema Silveira Lemos Vitória (Ribeirinha, Açores); Augusto Ferreira Santos (Gondomar); Maria Adelaide Rodrigues Branco (Amadora); António Xavier Forte (Escudeiros, Braga); Ana Maria Costa Bravo Duarte (Monforte); Teresa da Conceição Dias de Sousa (Caldas de Vizela); Fernanda Augusta Gil Ferreira (Lisboa).



### Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

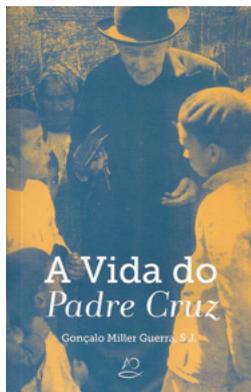
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredicto. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

### DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

<b>Nascimento:</b>	29-7-1859	<b>Entrada na Companhia de Jesus:</b>	3-12-1940
<b>Estudos Secundários em Lisboa:</b>	1868-1875	<b>Madeira e Açores:</b>	1942
<b>Universidade de Coimbra:</b>	1875-1880	<b>Morte em Lisboa:</b>	1-10-1948
<b>Ordenação Sacerdotal:</b>	3-6-1882	<b>Processo de Beatificação em Lisboa:</b>	10-3-1951 a 26-6-1965
<b>Director do Colégio dos Orfãos - Braga:</b>	1886-1894	<b>Entregue à Santa Sé:</b>	17-9-1965
<b>Director Espiritual em S. Vicente de Fora:</b>	1896-1903	<b>Aprovação dos Escritos:</b>	30-12-1971



## A VIDA DO PADRE CRUZ

Gonçalo Miller Guerra, S. J.

O Padre Francisco Cruz foi um dos sacerdotes portugueses mais populares do seu tempo. Falecido com fama de santo, em 1948, o seu processo de beatificação foi entregue à Santa Sé em 1965. Esta breve biografia pretende reavivar a sua memória, hoje muito apagada, mesmo entre os católicos portugueses.

1ª edição: 5€

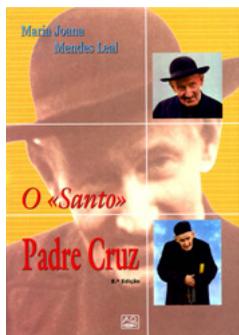
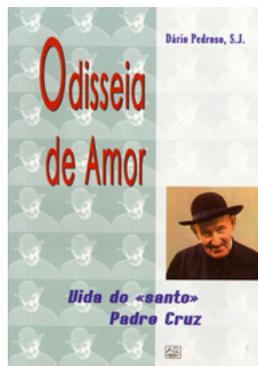
## ODISSEIA DE AMOR -

### Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma "autobiografia", na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

1ª edição: 7€



## O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€

Pedidos de livros: Secretariado da Causa do Padre Cruz,  
na sua Livraria ou na Editorial A. O., Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA

GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J.

REVISTA SEMESTRAL

Diretor: P. Dário Pedroso S.J.

Propriedade, Edição e Redação: Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Padre Francisco da Cruz SJ  
Rua da Madalena, 179 R/C \* Apartado 2661 \* 1117-001 LISBOA - Telef.: (+351) 218 860 921

Email: [causapadrecruz@padrecruz.org](mailto:causapadrecruz@padrecruz.org) \* Site: [www.padrecruz.org](http://www.padrecruz.org)

Tiragem: 1.300 exemplares

Impressão: Gráfica Almondina \* Sede do Impressor: Progresso e Vida, Lda.

Zona Industrial \* Rua da Gráfica Almondina \* 2354-909 Torres Novas

Depósito Legal n.º 17.244188 - Registo na ERC n.º 127099

Distribuição Gratuita